

Greve de senadores

Quem quiser avaliar o nível em que se faz política no Brasil atente para a greve do PRN no Senado. Os cinco parlamentares que integram essa bancada *oficial* deixaram de participar das votações porque um *afilhado* do senador Aureo Mello (AM) foi substituído no cargo de diretor-financeiro do Banco da Amazônia por um protegido do líder do PDS. O líder perrenista, Ney Maranhão (PE), assumiu as dores de seu companheiro amazônense e adiantou que só depois da recondução do diretor demitido a bancada "voltará a atuar".

Essa é nova, mas cumpre registrar a parede dos senadores governistas e lamentar que se comportem dessa forma. Suponha-se que não sejam atendidos. Até quando permanecerão de braços cruzados? Pergunta-se: se enquanto fazem greve o Executivo precisar do apoio deles para a votação de medidas urgentes, de interesse público, que acontecerá?

A julgar pela disposição desse pugilo de bravos, nada acontecerá. As medidas *que se explodam*, como diria o

deputado Justo Veríssimo. Maranhão não admite nenhum tipo de contemporização: "Até lá (entenda-se, até que o prestigioso *afilhado* seja re-nomeado) vamos nos fingir de mortos". E fingirão bem, ninguém duvide! Arrogante, o bom líder adverte: "Com um senador nosso não se brinca". E com qual se brinca? Eis a pergunta que fica no ar e não se pode deixar de fazer.

O mandato eletivo não pode ser exercido por quem tenha essa noção subalterna do que representa. O povo, que o delega, tem de ser posto a par das atitudes de quem o deslustra para, na primeira oportunidade, punir o mandatário faltoso, condenando-o ao ostracismo. Só assim a representação parlamentar acabará sendo desempenhada por quem tenha condições de pleiteá-la, obtê-la e exercitá-la, tendo em vista trabalhar pelo bem comum. Essa greve dos senadores do PRN é infantilidade e clara demonstração de que eles alcançaram a Câmara Alta por um equívoco lamentável do eleitorado.